

Orientação sexual: desejos, comportamentos e identidades sexuais

A orientação sexual de uma pessoa é uma relação entre seu desejo, comportamento e identidade. Assim, o “gay efeminado”, como a “lésbica masculinizada” são estereótipos que não traduzem a realidade de muitas pessoas homossexuais. Leia o texto para se informar melhor sobre este tema tão complexo.

Há atualmente certo consenso nas ciências a respeito de a orientação sexual ser composta por, pelo menos, três dimensões – desejo, comportamento e identidade – e que estes aspectos não caminham necessariamente da mesma maneira e na mesma direção.

Assim sendo, não se deve pressupor uma conexão direta e necessária entre o desejo que uma pessoa sente, o seu comportamento sexual e o modo como ela percebe a si mesma.

É possível, por exemplo, praticar relações homossexuais sem se considerar “homossexual” ou “bissexual”, assim como sentir desejos homossexuais sem manter relações homossexuais.

As pesquisas conduzidas nos EUA pelo biólogo Alfred Kinsey desde o final dos anos 1940 já questionavam o alcance das categorias “heterossexual” e “homossexual” para dar conta da diversidade dos comportamentos encontrados. É possível, por exemplo, praticar relações homossexuais sem se considerar “homossexual” ou “bissexual”, assim como sentir desejos homossexuais sem manter relações homossexuais.¹

No Brasil, ainda encontramos um modo hierárquico de classificação de pessoas, a partir da sexualidade e do gênero, que distingue “homens” – tidos como socialmente masculinos e “ativos” no ato sexual (são os que supostamente só “penetram”) – e “bichas” ou “veados” – tidos como socialmente femininos e “passivos” (os que adotam um papel supostamente receptivo, ao serem “penetrados”).²

No entanto, há também homens que fazem sexo com outros homens, às vezes por dinheiro

¹ Para Kinsey, haveria uma gradação contínua na sexualidade humana, que iria desde a heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva, com uma ampla gama de variações. Para saber mais sobre Alfred Kinsey, ver o link: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Kinsey. Sugestão de filme: Vamos falar sobre sexo, a respeito da vida de Alfred Kinsey e do impacto de suas pesquisas sobre o comportamento sexual de homens e mulheres norte-americanos.

² Para saber mais sobre classificação e a hierarquia no imaginário gay brasileiro, veja a entrevista do antropólogo Peter Fry no site do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=11&infoid=464&sid=43>

ou por alguma outra forma de recompensa e que, independente do papel sexual que desempenham, se consideram simplesmente “homens”. Em certos ambientes da cena juvenil metropolitana contemporânea, namorar pessoas do mesmo sexo é uma possibilidade que não precisa implicar o compromisso com uma identidade sexual fixa (de “gay”, “lésbica” ou “bissexual”). Mesmo entre homens e mulheres que vivem a homossexualidade como um aspecto crucial e distintivo de suas vidas, podemos encontrar grande diversidade de nomeações, representações e identidades que dizem respeito a estilos de vida, preferências estéticas, imagem corporal, idade e geração, classe, religião, etnia/raça, gênero. Por exemplo, os termos “entendido” e “entendida”, que até a década de 1980 identificavam homens e mulheres como homo e bissexuais, porém de uso relativamente restrito, foram

(...) não ouvimos muitas pessoas afirmando “eu sou heterossexual”, pois este é o grande modelo.

rapidamente substituídos, entre as novas gerações, por gay e lésbica, cujo sentido está hoje absolutamente generalizado e foi significativamente incorporado pela grande imprensa.

É importante distinguir os desejos e os comportamentos sexuais das identidades sexuais. Quando falamos em “identidade sexual”, nós nos referimos a duas coisas diferentes: 1. ao modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual; e 2. ao modo como ela torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações. Especificamente neste segundo sentido, as identidades podem ser escolhidas, e isso é possível que seja um ato político, pois homossexuais e bissexuais são considerados “desviantes” em relação à norma heterossexual, ou seja, não ouvimos muitas pessoas afirmando “eu sou heterossexual”, pois este é o grande modelo. Como vimos acima, a orientação sexual (homo, hetero ou bissexual) não é uma escolha livre e voluntária;

(...) porém, “assumir-se” como gay, lésbica ou bissexual, seja perante amigos e familiares, seja em contextos mais públicos, representa, em contrapartida, uma afirmação de pertencimento e uma tomada de posição crítica diante das normas sociais.

porém, “assumir-se” como gay, lésbica ou bissexual, seja perante amigos e familiares, seja em contextos mais públicos, representa, em contrapartida, uma afirmação de pertencimento e uma tomada de posição crítica diante das normas sociais.

Certamente você já ouviu, em algum cantinho da sua escola, uma “fofoquinha” do tipo: “Você sabia que tal professor/a é gay ou lésbica? Sabia que a funcionária Fulana de Tal deixou o marido e foi morar com outra mulher?”. Quando acontecem situações como estas, não raras vezes as pessoas – antes queridas e admiradas – passam a ser isoladas pelos colegas que buscam se afastar da “anormal” homossexualidade. Gera-se, com isso, um clima de desconfiança e receios. Para alguns, pensar que muitas pessoas com as quais cruzam todos os dias podem ser homossexuais, e que algumas delas são seus amigos e amigas, colegas ou familiares, é a principal causa de desconforto e insegurança. É como se a sua própria orientação sexual estivesse sendo questionada.

Identidade sexual, por sua vez, diz respeito ao modo como a pessoa se percebe e se expressa em termos de orientação sexual.

O tema da identidade sexual traz ainda outras questões: travestis, transexuais e intersexuais são homossexuais? Em alguns casos sim, em outros não. Estas categorias, como vimos, estão relacionadas principalmente a questões de identidade de gênero, ao desafio das normas sociais que ditam a percepção de si, a aparências e a condutas tidas como adequadas a “ser masculino” ou “ser feminina”. Identidade sexual, por sua vez, diz respeito ao modo como a pessoa se percebe e se expressa em termos de orientação sexual. Gênero e orientação sexual podem estar relacionados, mas não são a mesma coisa. Assumir-se como homossexual não deve fazer necessariamente que um homem se sinta menos masculino ou uma mulher menos feminina. Uma travesti que assume uma identidade feminina, ao se relacionar com homens é, a rigor, heterossexual. Um homem transexual (que nasceu com genitais femininos e assumiu uma identidade de gênero masculina) que se relaciona com mulheres é heterossexual; mas se ele se relaciona com homens, em verdade, ele é gay (homem homossexual). Estas identidades podem, ainda, mudar ao longo do tempo. Devido à hostilidade que as pessoas enfrentam ao desafiarem as normas do gênero, é comum a descoberta da orientação sexual ser um processo lento e problemático. Por outro lado, a possibilidade de se libertar das restrições instituídas por essas normas pode fazer com que as pessoas percebam as inúmeras possibilidades de expressão do afeto e do erotismo e vivam sua sexualidade como algo mais fluido e menos sujeito a identidades e a classificações.

Vemos, assim, que a definição de categorias de identidade ligadas à constituição corporal, ao gênero e à orientação sexual é bastante diversificada e inscreve-se em uma hierarquia peculiar de valorização de determinados modelos de sexualidade, de um padrão “normal”, à custa da estigmatização, degradação e mesmo criminalização da diversidade sexual. Além disso, ela se articula de modo complexo com outras hierarquias, como a de gênero, a étnico-racial, a de classe, a de origem social. Nessas articulações, alguns comportamentos serão mais “suportados” do que outros. Por exemplo, ser gay com identidade masculina é mais tolerável que ser “gay afeminado”; ser afeminado e rico é mais tolerável do que ser gay e pobre; ser gay, pobre e branco é mais tolerável que ser gay, pobre e negro; ser gay e negro é mais tolerável que ser lésbica e negra. Muitas travestis sofrem múltiplas formas de discriminação e violência não só por serem classificadas como homossexuais, mas também pelo fato de serem pobres e, principalmente, por assumirem uma identidade de gênero que contesta o binarismo homem/mulher, colocando-se à margem da afirmação de uma identidade sexual única: são ambas as coisas e, ao mesmo tempo, nenhuma delas.

Por aí se articulam vários cruzamentos de discriminações, explicitando-se a intolerância e o desrespeito à diversidade. Essas hierarquias, no entanto, não formam um sistema absoluto e todo-poderoso. Há uma luta constante em torno do que é tido como moral, saudável, legítimo e legal em termos de sexualidade e gênero. Nessa luta, o Movimento Feminista, o Movimento Negro e as organizações de mulheres negras, e o [Movimento LGBT](#) têm sido importantes protagonistas.

Isto quer dizer que não somos simples receptoras e receptores passivas/os das normas sociais. Investimos na constituição de nossas biografias como pessoas coerentes e nos esforçamos para fixar nossas identidades. Porém, quando olhamos retrospectivamente, somos capazes de ver o quanto mudamos. Este requisito de coerência é também efeito das normas que classificam corpos e desejos como “normais” e desviantes. Os investimentos que fazemos sobre nossos corpos respondem, em grande parte, à imposição de critérios estéticos, higiênicos e morais dos grupos aos quais nos sentimos vinculados. Por meio do treinamento dos sentidos e das posturas corporais, de cuidados físicos, de roupas, de adornos e de odores produzimos marcas que usamos para nos identificar e para classificar os outros.

Os modelos de identidade fornecidos pela família com base no par heterossexual, em que o marido é o provedor e a mulher a cuidadora, está sendo confrontado pela diversidade de arranjos familiares observados na sociedade contemporânea, influenciada pelo impacto dos divórcios, recasamentos, adoções e múltiplas formas de coabitação, sem falar das novas tecnologias reprodutivas.

As normas sociais nos proporcionam um conjunto de orientações e referências como se fossem mapas ou roteiros. Tais mapas ou roteiros, no entanto, não são plenamente consistentes e coerentes entre si, pois retratam um mundo formado por afirmações e descrições que tantas vezes rivalizam-se e contradizem-se. Estas contradições ou situações de conflito entre diferentes esquemas de compreensão da experiência – e que carregam também aspirações pessoais – afloram de modo particular na vida dos/das adolescentes e jovens em idade escolar que estão transitando a agitação, as descobertas e os desafios das relações amorosas e das primeiras experiências de intercurso sexual, juntamente com ensaios de definição da própria identidade sexual.

Os modelos de identidade fornecidos pela família com base no par heterossexual, em que o marido é o provedor e a mulher a cuidadora, está sendo confrontado pela diversidade de arranjos familiares observados na sociedade contemporânea, influenciada pelo impacto dos divórcios, recasamentos, adoções e múltiplas formas de coabitação, sem falar das novas tecnologias reprodutivas (como a inseminação artificial, o congelamento de embriões etc.). A escola, por sua vez, transmite mensagens aparentemente claras que, no entanto, podem influenciar em diferentes direções. Os grupos de amizade, sobretudo na adolescência, costumam exercer forte pressão para a conformidade aos padrões sexuais dominantes, mas é também neles que brotam muitas experiências homoeróticas.³

³ O vídeo “Medo de Quê” (produzido pela pareceria ECOS – Comunicação em Sexualidade, Instituto Promundo, Instituto PAPAÍ e Salud Género, 2005) é um desenho animado sem palavras que focaliza bem o processo de descoberta de um garoto quanto à sua atração afetivo-sexual por rapazes, e o impacto que isto traz às relações à sua volta.

A mídia, em suas múltiplas formas, costuma censurar imagens e expressões mais explícitas que fujam à norma heterossexual; entretanto, veicula imagens de corpos exuberantes e saudáveis em meio a mensagens suficientemente ambíguas capazes de estimular muitas possibilidades de desejo. Mesmo as religiões acham-se às voltas com as contradições entre o que os seus membros pregam e o que praticam, e se vêem obrigadas a também reavaliar seus pontos de vista sobre a sexualidade, haja vista os vários casos de abuso sexual e pedofilia envolvendo padres da Igreja Católica, levando a autoridade máxima desta religião a se pronunciar recentemente sobre o assunto nos Estados Unidos.⁴ Por outro lado, assim como a Igreja Católica e os movimentos evangélicos pentecostais persistem em diferentes formas de condenação da homossexualidade,⁵ existem religiões que acolhem fiéis sem questionar sua orientação sexual, como o candomblé, e ainda congregações da fé evangélica e grupos católicos cuja doutrina contempla a afirmação da diversidade sexual.⁶

Vemos, assim, que nossas identidades como homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, transexuais ou outras classificações são produtos de uma autodefinição que está longe de ser uma operação simples ou automaticamente derivada dos comportamentos, do desejo ou do organismo. As identidades sexuais e de gênero produzem-se em meio a arranjos dinâmicos de relações sociais e significados culturais. Elas podem ser mais ou menos duráveis, variando de caso a caso, e certamente estão sujeitas a uma variedade de contingências e influências. Como afirma Stuart Hall:

Ao invés de tomar a identidade como um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está continuamente em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação (Hall, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, 1996, p. 68).

Isto quer dizer que, por um lado, as identidades sexuais não são a causa de determinados comportamentos, mas efeito de um peculiar regime de significação que privilegia a classificação das condutas sexuais, julgando quem se adapta ou foge da norma. Por outro lado, os arranjos sociais e subjetivos dos quais cada identificação deriva sempre conservam um importante grau de plasticidade e variabilidade na sua constituição. A distância entre as experiências classificadas como “homossexuais” e as correspondentes ao mundo da heterossexualidade pode ser tão grande quanto aquela encontrada entre diferentes trajetos e formas de desejo igualmente considerados “heterossexuais”.

Por exemplo, as questões relativas à sexualidade geralmente são abordadas, na escola

⁴ Dica de leitura: Veja também uma reportagem acerca do significado da visita do Papa Bento XVI ao Brasil no panorama da política vaticana: http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3192&Itemid=2

⁵ Dica de leitura: Natividade, Marcelo. “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 61, São Paulo, Anpocs/ Edusc. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200006&lng=enem&nrm=iso&tlng=enem

⁶ Existem diversas iniciativas de acolhimento da diversidade sexual dentro do movimento evangélico e do catolicismo. Dica de site: <http://www.diversidadecatolica.com.br>. Dicas de leitura: Coray, Joseph Andrew e Jung, Patrícia Beattie (Orgs.). Diversidade Sexual e Catolicismo: para o desenvolvimento da Teologia Moral. São Paulo: Ed. Loyola, 2005. 337p.

(...) as diversas possibilidades que não se ajustam a esse modelo (homoerotismo, autoerotismo, reprodução independente e fora do casal heterossexual, transgênero, intersex, assim como o resultado das uniões consideradas “precoces”, como o caso da “gravidez na adolescência”) são ignoradas, silenciadas, marginalizadas ou ainda consideradas como “problema” a ser enfrentado.

e nas demais mensagens dirigidas às/aos adolescentes e jovens na sociedade, levando em consideração um trajeto no qual o erotismo conduz à consumação do encontro do casal heterossexual, reafirmando a norma que remete à sua potencialidade reprodutiva, tanto da espécie quanto dos valores dominantes. Assim, as diversas possibilidades que não se ajustam a esse modelo (homoerotismo, autoerotismo, reprodução independente e fora do casal heterossexual, transgênero, intersex, assim como o resultado das uniões consideradas “precoces”, como o caso da “gravidez na adolescência”) são ignoradas, silenciadas, marginalizadas ou ainda consideradas como “problema” a ser enfrentado.

Para além das valorações derivadas de convicções pessoais, é responsabilidade ética da comunidade educativa respeitar e promover o direito de cada pessoa viver, procurar sua felicidade e manifestar-se de acordo com seu desejo. Esta responsabilidade implica um trabalho de reflexão e aprendizado individual e coletivo, a partir de situações e novos conhecimentos que desafiem marcos consagrados de compreensão da sexualidade e do gênero.

GLOSSÁRIO

Identidade sexual: Refere-se a duas questões diferenciadas: por um lado, é o modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual; por outro lado, é o modo como ela torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações. A identidade sexual corresponde ao posicionamento (nem sempre permanente) da pessoa como homossexual, heterossexual ou bissexual, e aos contextos em que essa orientação pode ser assumida pela pessoa e/ou reconhecida em seu entorno.

Movimento LGBT: Movimento social e político que agrega diferentes sujeitos políticos – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – em favor de direitos de livre orientação sexual e de expressão das identidades de gênero. Atua através de intervenção no âmbito da legislação e da formulação de políticas públicas, bem como por meio de ações que procuram visibilizar essa população e suas demandas e desconstruir preconceitos fortemente arraigados no social. Ver nesta unidade o texto “O Movimento LGBT brasileiro: a questão da visibilidade na construção de um sujeito político”.